

Arborização

— Celso Maria de Mello Pupo —
(Da Sociedade dos Amigos da Cidade)

“Deus, para que o Homem fosse acolhido pela Terra como filho, plasmou-o de barro e, para que fosse recebido no Paraíso, como um anjo, soprou-lhe o Seu divino alento como fazia o antigo oleiro para afeioar a cerâmica — assim, grato é aquele Homem que ama o sólo maternal e dá prova desse amor defendendo à árvore que é sua irmã, e que crê voltando os olhos para Deus para não renegar-se a si mesmo, porque o descreir é como o não ver-se, o não sentir-se, o não acreditar no próprio ser que é uma emanção divina. A cerimônia que realises com tão lindas hóstias verdes, infantes a-nunciadores da renascença flo-renal, é o culto da Terra creadora e a mesma árvore que plan-ta, crescendo, alteando a fronde, vos levará os olhos para a altura como a ensinar-vos o camin-cho da graça. As suas raízes são da terra como o nosso corpo, mas as suas franças são do ceu, como a nossa alma. Fazei com elas o que fez Deus convosco: dai-lhes vosso amor e elas respon-derão com a Força, com a Fer-tilidade, com a Saúde: os três aspectos da Beleza ideal — que é o Amen das árvores agradeci-das”.

Coelho Netto

João Pedro Cardoso foi o promotor da primeira (e de outras) festa das árvores no Brasil. Ela se realizou em Araras, num sábado dia 8 de junho de 1902, com a presença do Vice Presidente que para lá se transportou com esta finalidade. O promotor da festa, hoje venerando pela vida de muitos anos transcorrida só em trabalhos beneméritos pelo bem da coletividade, era então, chefe do distrito agrônomo de Campinas que dirigia com proeficiência e dedicação. Para tal festa, Coelho Netto, na época lente do Ginásio Culto à Ciência, deu aos infantes os fulgores de sua pena na oração acima transcrita.

Uma das mais altas autoridades administrativas do Estado, um conceituado engenheiro chefe de região agrônoma e um astro de primeira grandeza das nossas letras, reunidos, fazem a primeira festa das árvores do país. Boa semente que não encontrou bom solo, pois, decorrido mais de meio século, ainda não sabemos amar a árvore, não só para que ela nos extasie, mas ainda para que nos responda “com a Força, com a Fertilidade, com a Saúde: os tres aspectos da Beleza ideal”.

Agora estão a florescer os jacarandás roxos de Campinas, em verdadeira aleluia, em loas e mimos a caridade dos podadores de árvores que, neste ano, as poupam das costumeiras mutilações iconoclastas; cantam hinos de magnificiência e retribuem com sobra aos que lhes permitiram o florear dos seus brótos tão desumanamente tosados nos anos anteriores, pelo desamor à árvore, pela incompreensão do belo, pela ausência do bom gosto.

Si para isso concorremos com crítica feita há meses, pagamos encontrando maior encanto nesses esplendores que a natureza nos dá para nos refazeremos da materialidade da vida; e nos cabe daqui, dirigir caloroso aplauso àqueles que, agora, bem souberam cuidar da preciosidade que Campinas possui em seu arvoredado já formado, digno de

carinho, digno de conservação, digno do trato que ele tão generosamente retribue com o encanto do seu florescer.

Em muitos trabalhos da cidade, os encarregados da Prefeitura deixaram, no ano corrente, de mutilar os jacarandás roxos como habitualmente, faziam; tiveram mesmo o cuidado de poupar árvores sem mutilação, ao lado de outras mutiladas sob fios de transmissão, criando assim o testemunho do bom tratamento e fazendo a prova, como afirmamos em crítica anterior, de que as mutiladas não florescem e de que as poupadas engalanam-se de florido roxo.

De outra vez, citamos as árvores que circundam a Santa Casa e que hoje constituem prova inconcussa; restaria agora poupar também as da rua Benjamin Constant, lado sem fios, conservando-as em toda a extensão da rua e aproveitando-as para a composição do parque a volta do futuro Paço Municipal. Estas árvores estão condenadas ao corte pela Prefeitura que já plantou entre elas, mudas de alecrim. Apelamos aos responsáveis pela arborização para que não destruam este jacarandás já formados, conservando-os e retirando imediatamente as mudas de alecrim que só prejudicarão o conjunto de árvores de flores já adultas.

Acima da mão do homem está a obra da natureza; estilos e escolas de arborização e ajardinamento, artistas dos mais habéis e realizadores dos mais proveitos, nada fariam sem o sopro divino que se traduz na germinação da semente, no crescer da planta que busca o ceu azul, que se alonga, que se enrama, que se enfolha, que frondeja, que se agiganta a elevar os nossos olhos “para a altura, como a ensinar-nos o caminho da Graça”.

EFEMÉRIDES CAMPINEIRAS

J. C. Mendes

4 de novembro

1900 — Por uma relação publicada no Almanaque de Campinas para 1901, organizado por Leopoldo do Amaral, o nosso município contava com 277 propriedades agrícolas que nesse ano produziram um milhão, quarenta e um mil, seiscentos e cinco arrobas de café, destacando-se com as maiores produções as fazendas “Duas Pontes”, “Macuco”, “Mate Dentro” e “São Joaquim” todas com vinte mil arrobas.

5 de Novembro

1841 — Nasce d. Ana Carolina de Melo Oliveira Arruda Botelho, Viscondessa e condessa do Pinhal falecida em São Paulo a 5 de outubro de 1945.

1858 — São executados na força os pretos escravos Firmino e Lourenço acusados de crime de morte.

1924 — No Jardim Carlos Gomes inaugura-se o monumento de Rui Barbosa, obra do escultor Ettore Ximenes.

SRS. COMERCIANTES

Sem anunciar as suas mercadorias não poderão ser conectadas e nem as suas vendas poderão ser aumentadas. Consultem os preços do “CORREIO POPULAR”



Ouçam diariamente às 22,30 horas pela P.R.C.-9 em 1.170 kcs.

“O Correio Informa”

Direção de TOM GOMES
Colaboração de SILVA JR.

Apresentando: Notas e Informações - Notícias do país - Notícias internacionais - Notícias policiais - Artigo de Fundo de Luso Ventura.

Correio Popular

4-X-1956